

ESCULTURA DEVOCIONAL EM GESSO DE MINAS GERAIS



Maria Clara de Assis

Bolsista de Iniciação Científica- FAPEMIG
Graduanda em Conservação e Restauração de Bens
Culturais Móveis, EBA/CECOR/UFMG
clarinha.deassis@yahoo.com.br

Maria Regina Emery Quites

Doutora em História da Arte
Orientadora
mreq@ufmg.br

Nelyane Gonçalves Santos

Graduanda-Colaboradora
Curso de Conservação Restauração
de Bens Culturais Móveis, EBA/CECOR/UFMG
nelaysanto@yahoo.com.br

Figura 1: São João Batista, Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade do Paraopeba de Brumadinho. (62X26X19 cm). Foto: Maria Clara Assis.

Introdução

O gesso constitui matéria-prima essencial para o grande acervo de esculturas devocionais a partir do final do século XIX. No Brasil em cada região, o gesso se insere em épocas e com características diferentes. Eduardo Etzel¹ descreve que o gesso apareceu em São Paulo por volta de 1850, em imagens industrializadas, para atender a uma demanda de baixo poder aquisitivo. Este autor² ressalta ainda que, a devoção a Nossa Senhora Aparecida, que cresceu neste período, fez surgir um comércio, onde o fervor religioso desencadeou uma grande produção de imagens em gesso. Já em Minas Gerais, Beatriz Coelho³, reporta que as esculturas sacras em gesso foram inseridas no contexto mineiro através da nova igreja da Província Brasileira da Missão, Casa do Caraça, a primeira em estilo neogótico do Brasil, concluída em 1883. Visando ampliar os conhecimentos sobre tema, a presente pesquisa visa estudar as imagens em gesso de Minas Gerais.

Objetivos

Esta pesquisa tem como objetivo estudar as esculturas sacras em gesso no Seminário do Caraça, da Arquidiocese de Belo Horizonte, da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Serro e da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Congonhas. Esta pesquisa se justifica pela ausência de estudos sobre as imagens em gesso em Minas Gerais.

No campo da escultura religiosa no Brasil não há aprofundamento sobre estas imagens. Diante disso, surge a necessidade de pesquisa sobre essas imagens consideradas menos nobres pelo senso comum, pois, na maioria das vezes quando deterioradas são tratadas por artesãos habilidosos, que não possuem o critério e a ética dos conservadores- restauradores. Seguimos analisando as esculturas, realizando um recorte cronológico que compreende o final do século XIX e início do século XX.

¹ ETZEL, Eduardo. Imagem Sacra Brasileira. São Paulo: Melhoramentos; Ed. da USP, 1979. p.126.

² ETZEL, Eduardo. Imagens religiosas de São Paulo: apreciação histórica. São Paulo: Melhoramentos; Editora da Universidade de São Paulo, 1971. p. 249.

³ COELHO, Beatriz Ramos de Vasconcelos. (Org.) Devoção e arte: imaginária religiosa em Minas Gerais. São Paulo, Edusp, 2005.p. 235.

Metodologia

Inicialmente realizamos pesquisas bibliográficas e documentais, buscando conhecer e explorar melhor o assunto. Realizamos pesquisas nos inventários das instituições patrimoniais para coletarmos informações sobre as igrejas selecionadas e seus acervos. Neste processo selecionamos as imagens a serem estudadas e contamos com o apoio da Arquidiocese de Belo Horizonte que nos apontou algumas imagens de muita relevância para esta pesquisa. Depois deste processo concluído partimos para o trabalho *in loco*, identificando as imagens, analisando as mesmas em seus aspectos formais, estilísticos, técnicos e material, determinado às iconografias mais recorrentes a fatura do gesso. Buscamos informações sobre a procedência e origem destas obras, assim como, as fábricas e lojas de artigos religiosos que irão comercializar as mesmas. Elaboramos um banco de dados com as obras pesquisadas que serão disponibilizadas em forma de fichas. Estas serão entregues a paróquia detentora de cada imagem, servindo de contribuição para conhecimento de seu próprio acervo.

Considerações finais

Selecionamos como estudo de caso a representação de São João Batista (62 x 26 x 19 cm) (FIG.1), pertencente à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade de Paraopeba em Brumadinho, região Metropolitana de Belo Horizonte. A escultura é oca, possui olhos de vidro e é constituída por dois blocos, um principal e um secundário, o braço direito esta erguido para o alto, preso por uma espécie de pino em metal. A base oitavada é feita de um material semelhante à argamassa de cor acinzentada, na parte posterior da mesma podemos visualizar as marcas da ferramenta responsável pela planificação da superfície.

Esta imagem possui na base lateral uma inscrição onde se lê “A. VERREBOUT. Paris”. Essa inscrição segundo nossas pesquisas faz referencia a uma fábrica francesa que confeccionou fôrmas, moldes e imagens que se espalharam por muitos países. A escultura possui ainda um selo em metal de comercialização nacional “CASA MINERVA, CARLOS LOROZA- RUA DA QUITANDA- RIO DE JANEIRO”, localizamos anúncios de jornais com mudança de endereço, datados do final do século XIX e início do século XX citando os itens comercializados, instrumentos musicais, fantasias, imagens, dentre outros.

262

As imagens em gesso são consideradas pelo senso comum como sendo imagens de baixa qualidade, assim esta pesquisa visa contribuir para a valorização deste acervo como parte integrante do nosso patrimônio histórico. Iremos discutir os critérios utilizados na restauração destas imagens, pois quando deterioradas elas são entregues a artesãos habilidosos que realizam intervenções desprezando o valor histórico, estético e devocional destas imagens.

Referências

BIBLIOTECA NACIONAL - Hemeroteca Digital Brasileira- <http://memoria.bn.br.hbd/periodico/aspx>.

COELHO, Beatriz Ramos de Vasconcelos. (Org.) Devoção e arte: imaginária religiosa em Minas Gerais. São Paulo, Edusp, 2005.

ETZEL, Eduardo. Imagem Sacra Brasileira. São Paulo: Melhoramentos: Ed. da USP, 1979.

ETZEL, Eduardo. Imagens religiosas de São Paulo: apreciação histórica. São Paulo: Melhoramentos; Editora da Universidade de São Paulo, 1971. 320 p.

LAEMERT, Eduardo. Almanack, Administrativo Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro para os anos de 1891 a 1940 / Rio de Janeiro.

MASCARENHAS, Alexandre Ferreira; FRANQUEIRA, Márcia. ESTUQUE ORNAMENTAL: HISTÓRIA E RESTAURO. III Simpósio de Técnicas Avançadas em Conservação de Bens Culturais. ARC/AERPA, Olinda, 2006.